

# UMA ATRIZ À PROCURA DA HUMANIDADE

CLEIDE IACONIS, UMA CARREIRA EXTRAORDINARIAMENTE FELIZ — UMA MENINA QUE NÃO RECITAVA POESIAS — VIAGENS, OPORTUNIDADE DE RENOVACÃO

CLEIDE IACONIS está fazendo sua volta à cena paulista na atual programação do Teatro Caçilda Becker, no Leopoldo.

J. J. de BARROS BELLA

## Se não leu, leia

A EPOPIA DA ANTARTIDA

DIFICILMENTE se encontrará livro mais belo que o de Sir Vivian Fuchs e Sir Edmund Hillary sobre a travessia da Antártida (*The Crossing of Antarctica*, Cassell, 337 páginas, 30 réis). É que a beleza do texto, que retrata uma das mais empolgantes páginas da história do esforço do homem para dominar o seu ambiente, é realçada pela beleza das numerosas pranchas coloridas. E há mais ainda, a realçar a beleza da obra: é a maneira pela qual foi realizada, numa corrida desafiadora com o tempo. Quando Fuchs e Hillary, em março do ano passado, ainda não terminara, com efeito, a corrida que apostara com o tempo. É que a expedição, para poder manter-se, vendera antecipadamente o seu "tesouro de notícias". Só assim poderia as dívidas contraídas para o grande empreendimento. Um dos contratos dizia respeito à publicação de um livro em que se narrasse a empolgante aventura. Fuchs e Hillary, que contribuíam com três capítulos, só tinham cinco meses para a gigantesca tarefa de reunir as notas, desbastá-las, coordená-las e redigi-las de maneira coerente. Nada menos de 100.000 palavras tiveram, pois, de ser escritas por homens exaustos, sem pretensões literárias, num prazo que normalmente seria de um ano ou mais para qualquer escritor experientado!

É verdade que os fatos se prestavam de modo mais ou menos fácil a esse trabalho, porque a expedição era, em si, um verdadeiro prodígio de planejamento e mecanização, sendo seu máximo problema a coordenação das unidades produtoras de energia, de modo que o sistema não parasse nunca, as máquinas não desmontassem, as observações não parassem etc.

O quadro que impressiona o leitor, antes de tudo, é o da luta para impedir que os veículos desapareçam sob o gelo da Antártida. O que os mantém andando é, em última análise, o esforço humano, que se esforça para manter a máquina funcionando e não desmoronar em unidades mecânicas.

Não foi apenas a luta, mas a luta que se repetiu a história dos exploradores de Shackleton. Em suas viagens, ele sempre usava o método de avanço por etapas, com grandes provisões mas a final cumprida sua missão.

Mas as grandes coisas que se abriam ao homem, e especialmente do que deve ter representado o esforço de voltar atrás e recomençar tudo de novo.

O livro é escrito de tal maneira que nos dá notícia, numa página, do famoso desentendimento entre os dois exploradores. A partir daí cessa a cooperação dos dois. Um acha que se deve parar no polo, o outro (Fuchs) rejeita a proposta e o conselho e resolve seguir para diante, a fim de realmente cruzar a Antártida. Nada mais se encontra à guisa de comentário, a não ser o espaço de Fuchs em torno do barulho feito pelos jornais a respeito do caso. Não há explicação dos motivos de Hillary para mandar sua mensagem, deles só se sabe o que consta da mensagem de sua autoria a Fuchs. Não deve, porém, a proposta de Hillary desmerecer o seu valor. O que é ele como condutor de homens e expedições sãas aos olhos quando se lê a narrativa de seu trabalho em Scott Base. Tudo tem de funcionar perfeitamente, e de fato funciona desse modo sob seu comando. Não há lugar para aventuras nem propósito, para arriscar a pele sem necessidade. Além do mais, a expedição não era uma simples aventura. Era uma empresa científica, que tinha objetivos bem determinados, de exploração geográfica e de prospecção. A capacidade de prever e planejar permitiu que Hillary avançasse até a posição necessária para observar em tempo a Fuchs, que devia partir do polo em direção a Scott Base.

A passagem mais característica do livro é aquela em que Fuchs se esforça para assegurar ao leitor que as maravilhosas cenas das fotografias de George Lanson são verdadeiras. É uma simplicidade que encanta.

Nem todos os leitores apreciarão por certo o livro de Fuchs e Hillary. Depende do gosto. Há quem aprecie a narrativa minuciosa e paciente, e há os que preferem o bombástico em que as palavras que formam belos os fatos. O que os dois eminentes exploradores fazem é antes do mais a reconstituição minuciosa e imperturbável dos fatos, não a sua exaltação. O leitor é que tem de concluir, pela análise da narrativa, o quanto de sacrifício existiu neles, o mundo de luta aspera, de dedicação, de estudo e de coragem que a empresa exigiu de todos os homens que a integraram.

As máquinas fizeram muito, não há dúvida, e é com razão que se tem afirmado que a expedição foi o triunfo da mecanização do transporte. Mas o homem aparece muito maior ainda. Um dos maiores feitos de todos os tempos, e travessia da Antártida, encontra no livro de Fuchs e Hillary o seu mais precioso e preciso documentário.

poldo Fróis, depois de dois anos de ausência. Em "O Protocolo", ela faz o papel da deliciosa esposa de fins do século passado, que Machado de Assis colocou às voltas com a intriga da família e os assediados de um "don Juan", e em "Pega Fogo", a criada que, por sua sinceridade, força o desenlace que colocará o garoto maltratado no lugar a quem tem direito nos corações do pai e mãe.

"Pega Fogo" de Jules Renard é, por vários aspectos, um teatro, anteriormente a "Pega Fogo"; foi nessa peça praticamente, a sua estreia em Franco Zampari. Anteriormente ela já substituíra, de um dia para outro, Nidia Liela em "Anjo de Pedra", sem a menor intenção, entretanto, de fazer teatro, ou, como ela própria o diz, "quase que como uma brincadeira, sem mesmo medir as consequências".

A MEDICINA E O TEATRO

É a própria Cleide quem traça seu retrato (com vistas no teatro), anteriormente a "Pega Fogo": "nunca fui uma menina de recitar poesia; era mesmo sem nenhuma habilidade, nenhum dote para isso. Apesar de vários convites de Zampari para entrar no T.B.C., nunca pensei em fazer teatro; gostava de assistir, porém não tinha nenhuma afinidade, no sentido de vida teatral, com o ambiente do teatro". Preparava-se para estudar medicina e estava às voltas com o "cursinho", quando Ziembski me convidou para fazer um dos papéis de "Pega Fogo"; como tivesse tempo, resolvi aceitar o convite, quase mais por curiosidade.

TRES ANOS SEM INTERRUPÇÃO

E o êxito alcançado foi de molde a fazê-la participar de mais e mais trabalhos, sem interrupção, a tal ponto que hoje ela o diz: "é muito difícil contar como começou as coisas. Durante muito tempo sentia nostalgia do que tinha gostado, tinha vontade de voltar". Mas o sucesso era contínuo, e ela não queria interromper para ela e mesmo para a família (Caçilda Inclusive). "Acho que uma das coisas que interferiram nessa minha vida", prossegue Cleide — "foi a sorte que tive na estreia, o bom momento que me proporcionou bons papéis logo de início". Um ano depois, Cleide Iaconis fazia a "Ana" de "Ritmo de Maximo Gorki, em que foi considerada uma revelação. E o seu ritmo de trabalho era tal que, nos três primeiros anos, desde o momento em que ingressou no teatro através de "Pega Fogo", ela trabalhou em todas as peças montadas pelo Teatro Brasileiro de Comédia, nos mais variados papéis, sendo dirigida por todos os diretores que lá atuaram, embora não tivesse ainda parte do elenco permanente. "Evidentemente — são coisas que provocaram a que cada vez mais ficasse sem poder sair" — comenta Cleide.

Tres anos depois de sua estreia, Cleide Iaconis, já se encontrava contratada e fazia o papel de protagonista de "Assim Se Leve o Paralelo" (Cosi é se vi pare), de Pirandello, que lhe valeu o prêmio Governador do Estado, para melhor atriz (1953).

Outras interpretações suas, também mereceram a consagração de prêmios: o "Saci" em 1956, ano em que fez "Maria Stuart", e "Santa Maria Fabril", e a medalha de ouro da A.B.C., em 1957, pela "Leonor de Mendonça".

Em teatro, o grande plano de Cleide Iaconis são as viagens. "Continuo a achar que o teatro mesmo que tenha uma sede fixa, deve sempre viajar, não só pelo fato de se levar o teatro para outras plateias, como também para uma situação de entusiasmo, o teatro fixo pode acarretar uma situação de marasmo, de emprego estavel, que o verdadeiro teatro nunca pode e nem deve ter. E também, particularmente, para a possibilidade de conhecer novos lugares etc., porque a vida de teatro impede sempre as férias. Portanto, planos no sentido teatral nunca se pode fazer, a não ser para uma temporada, o que é normal em nossa atividade; no sentido particular, espero que a viagem, com a possibilidade de ver outras coisas, me indique e me ajude a esclarecer o caminho, a minha própria vida dentro do teatro."

NO TEATRO CAÇILDA BECKER

"Aqui no Teatro Caçilda Becker — encerra Cleide Iaconis — e mais de que em qualquer outro lugar, eu encontro ambiente e poderia mesmo dizer que, se no T.C.B. eu não me decidia a ficar como atriz, em que outro lugar poderia, desde que o T.C.B. é meu, e



Cleide Iaconis

### A PROCURA DE UMA AUTÊNTICA EXPRESSÃO DE SI

O ser humano Cleide Iaconis sente-se, ainda hoje, desse início de carreira, como conquistado um lugar de destaque brasileiro. Cleide ainda se lembra daquela moçinha que desejava ardentemente estudar medicina, à procura de um contato direto com a humanidade. "Agora — prossegue Cleide — olhando para trás penso que eu continuaria sendo atriz (e se tivesse um filho não queria nunca que fosse de teatro), ou estudaria medicina (e se tivesse um filho queria que fosse ator)". E é a própria Cleide quem diz, em isolamento que o teatro impõe aos seus servidores, fazendo com que seus contatos com a humanidade sejam feitos através de outras personalidades, dizendo as frases emprestadas a essas outras criaturas pelos autores; e não seria mesmo se se estranhar se algum dia, ela, se uma vez certa de que não sentiria remorsos ou saudades, abandonasse o teatro para dedicar-se a alguma ocupação que permitisse ao ser humano Cleide Iaconis uma realização pessoal mais diretamente ligada à humanidade.

### DIVERSOS PAPEIS

"Faço questão de mencionar que sou uma atriz de carreira extraordinariamente privilegiada — prossegue Cleide Iaconis. Considero-a mesmo excepcionalmente feliz. Tive excelentes oportunidades no sentido de aprendizado com ótimos diretores. Como papéis, sempre gostei daqueles que estou fazendo, e é-me mais fácil falar de um que de outro, porque, por terem sido poucos, do que daqueles que gostei, por terem sido a quase totalidade. O papel que não quero fazer é "Benjamin", de "Volpone", de Ben Johnson; em meus 8 anos de carreira é esse o único que me ficou entredado; fê-lo mal, porque não gostei (entretanto, às vezes a gente faz mal papéis de que gosta); a exuberância da "Canna" me irritava, como todas as pessoas barulhentas e excessivamente alegres, que falam alto demais me irritam."

### PLANOS

Em teatro, o grande plano de Cleide Iaconis são as viagens. "Continuo a achar que o teatro mesmo que tenha uma sede fixa, deve sempre viajar, não só pelo fato de se levar o teatro para outras plateias, como também para uma situação de entusiasmo, o teatro fixo pode acarretar uma situação de marasmo, de emprego estavel, que o verdadeiro teatro nunca pode e nem deve ter. E também, particularmente, para a possibilidade de conhecer novos lugares etc., porque a vida de teatro impede sempre as férias. Portanto, planos no sentido teatral nunca se pode fazer, a não ser para uma temporada, o que é normal em nossa atividade; no sentido particular, espero que a viagem, com a possibilidade de ver outras coisas, me indique e me ajude

# Seis concretistas na Galeria das FOLHAS — II

As constantes técnicas usadas pelos concretistas apresentam-se em certos casos preferenciais em seu artesanato. Assim é que os pintores geralmente usam como suporte o encaixete, tendo abandonado a tela; Luis Sacilotto está utilizando o alumínio, por exemplo. Costumam, quanto ao material de expressão cromática, usar ou ainda o óleo, ou a tinta em massa, ou o esmalte, ou a tempera. O desenhista prefere ater-se ao nanquim. O escultor vale-se do ferro, do alumínio, da chapa, do plexiglass.

As cores, via de regra, são absolutas, densas compactas, com a plenitude dum De Stael, porém sem gamas nem degradações, evitando efeitos de matizes.

Quanto às constantes temáticas, ou os assuntos, são nas três artes, no desenho, na pintura e na escultura, visualizações de planos contíguos ou opostos, embriçados ou diedricos, e de espaços invasores ou angulares, ora com efeito centrífugo com relação à tela, convergindo, ou transbordando da mesma, quando não passando por ela como a atmosfera pelas asas dum avião. Já vimos isso quando da exposição de Lícia Clark, e agora se satisfazem a nossa curiosidade e observação diante de certas pinturas de Flammingh. Neste artista, além dessa solução opaca de espaços superficiais ou de contornos de velocidade e estática, há também soluções de diágramatização de cores criando a "luzeta de Mortensen", ou o "furo" no espaço, a exploração do antipódo do quadro. Há uma série de trabalhos de Hermelindo Flammingh nesta exposição corroborando essa assertiva.

Utilização como motivo estético de elocubrações (mais teóricas do que vivenciais, portanto ainda não de sensação fenomenológica) geométricas; para isso, uso preferencial de unidades euclidianas, o cilindro, o círculo, o cone, a elipse, o triângulo, o losango, o prisma, formando realidades formais e transcidentes mediante seus volumes e reentrâncias, suas disposições, repetições ou diferenças de tamanhos e de cores, para estudos sistemáticos de efeitos de perspectiva, relevo, abaulamento, sinuosidade, dinamismo, ritmo, fuga, avanço, intermitência e contraponto. Isso se observa muito em Luis Sacilotto e em Maurício Nogueira Lima. Aliás, suas linhas ou faces também percorrem superfícies e fundos, periplos e rotas, com a sapiência de corpos teleguidados. Mas é principalmente menos nesses efeitos de dextriedade do que nas pesquisas dos acima citados efeitos que sua arte tem peculiaridade dum disciplina consciente, objetiva e metafísica mesmo, inclusive quando se

de a esclarecer o caminho, a minha própria vida dentro do teatro."

NO TEATRO CAÇILDA BECKER

"Aqui no Teatro Caçilda Becker — encerra Cleide Iaconis — e mais de que em qualquer outro lugar, eu encontro ambiente e poderia mesmo dizer que, se no T.C.B. eu não me decidia a ficar como atriz, em que outro lugar poderia, desde que o T.C.B. é meu, e

resumo aparentemente na solução de problemas prepostos. Se às vezes resultam a limitação em Maurício N. Lima, será por causa do emprego da moldura, que cobre que esses fenômenos se realizem indistintamente para trás, para diante e para os lados.

Colinas, enquanto renovam o desenho, indiferentes às aparências rotineiras e paraxiais, os concretistas geralmente riscam em fundo negro, bem noturno, portanto com idealização dum céu de cartografia, linhas que parecem, quando voltam ao seu início, segundo a lei de Poincaré, um percurso harmônico em orbitas ou sistemas. Quando muito formais e embelazados, os desenhos de Judite Lauand, por exemplo, sugerem cristais de neve, inflorescências. Mas quando assumem um aspecto de dinâmico, como os de Teuber-Arp, ou os de Herbin, ou ainda quando massas graduais de Delaunay, ou funções do que Oteiza chama "chamado hipercúbico". É o caso dos trabalhos de Valdemar Cordeiro que, não obstante soluções gráficas excecionalmente limpas e não, ou em Né, está enveredando de novo para a cor e a massa, experimentando soluções plásticas. Seus elementos analógicos enredados ou suas construções vectoriais atingem diversas capacidades fundamentais, enchendo em vieses diedricos o chamado hipercúbico. Enchendo-o, ou esvaziando-o, segundo o que o mesmo Oteiza cognominava "morfologia do espaço ocupado, ou uma evasização do espaço esvaziado. Quando Cordeiro emprega linhas ao invés de figuras geométricas fechadas, destaca essa linha de certa fluidez (que não é o mesmo que flutuação) com a intenção de fazer com que o espectador obtenha os já acima citados efeitos de dinamismo com expansão, recuo, avanço, fibração sinusal ou febril coruscante.

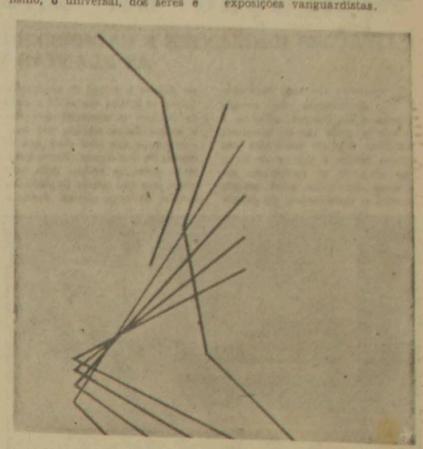
Em escultura, o concretista é a favor da unidade aberta, espacial, onde as massas esvaziam o espaço, e o espaço se torna tecido contínuo das massas. Mas a luz também opera aí como atmosfera endógena, razão pela qual eles empregam o vidro que não age como elemento furoscópico reorientação de visibilidade, mas como a dimensão introspectiva de Gabo.

Como o escultor Kazmer Fejer está mais além do intento de construir no e com o espaço, consegue também trabalhar o e então esvaziá-lo. Resultam construções mais belas do que as chamadas unidades positivas e negativas de Oteiza, compreendendo-se que consiga algo mais do que a permeabilidade do poliedro, as rotações espaciais, as fusões com sólidos abertos e outras coisas do escultor espanhol cuja nomenclatura parecerá paradoxal ou onírica para quem não houver visto as esculturas de Penser na última Bienal de Veneza. Kazmer consegue a "sua" escultura específica. Ao passo que a de Sacilotto é experimentação consciente da ambivalência gráfico-plástica, em testes pertinentes.

Vê-se, pois, do acima analisado, que o desenho concretista é um aperfeiçoamento intelectual da linha e do ritmo, um apuro de cristalização às vezes, e outras vezes um gra-

das entidades reduzidas a esquemas teóricos. Provas mais de laboratório de estética experimental do que lições de didatismo saturante.

Que a escultura concretista, seja em si pelo material, pela irradiação, pelo artesanato de oficina e de templo, é anti-teórica, mas é litúrgica, por restituir o culto da Estátua, anti-analógica, em sua eficácia sã, concreta, qual oráculo delirante cuja mensagem viva, cristalina, se expande em vaticínios de ressoar que, abandonando o som, são transportados pela velocidade da luz, muito embora as peças pareçam inertes siglas em salas de exposições vanguardistas.



Estudo em linhas quebradas — de Judite Lauand

## GOTA A GOTA

COELHOS SABIDOS

A mixomatose, doença a cujo respeito os melhores, não conseguiu erradicar completamente os coelhos na Austrália, e por isso em Camberra e Albury os cientistas estão estudando os hábitos sociais dos coelhos em condições quase naturais, na esperança de assim descobrir um ponto fraco nas defesas do animal. Descoberto esse ponto fraco, poderia ele ser aproveitado para vencer a espécie, mediante emprego de outros métodos de erradicação. Já se observou que na época da procriação os coelhos se separam em grupos, cada um dos quais dominado por um certo macho. As fêmeas formam uma hierarquia. As de mais alta posição podem produzir mais de cem crias num ano, em comparação com a simples dezena produzida pelas fêmeas de categoria inferior. Depois da época da procriação os grupos dispersam-se e quando tornam a formar-se, nota-se um completo embaralhamento deles (a palavra embaralhamento aqui é usada para designar o ato de misturar, como as cartas de um baralho).

RADIATIVIDADE E ANIMAIS SILVESTRES

Dr. A. J. Marshall, da St. Bartholomew's Medical School, é especialista nas relações entre os hábitos sociais dos animais, suas glândulas e o ambiente. Nessa qualidade empreendeu o estudo dos efeitos da poeira radiativa sobre os animais silvestres. Recentes verificações falam de aves migratorias que chegam à África para passar o inverno com a plumagem já de reposição, que desce somente a seguir na estação seguinte. Algumas aves que chegam à Inglaterra para passar o inverno também se mostram com plumagem de reposição assim que se apresentam radiativas. O Dr. Marshall naturalmente suspeita que a radiatividade haja perturbado o ciclo sexual. Em vista disso tratou de colecionar numerosos peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos em diferentes partes da Austrália expostas aos efeitos da poeira radiativa, devendo ao mesmo tempo um colega dele, o Dr. Brian Lofis, realizar varias experiências de laboratório em certos passaros africanos cuja mudança de plumagem, conforme as estações, é muito típica. Todos esses animais serão estudados quanto às alterações glandulares. O objetivo da pesquisa é determinar os possíveis efeitos a longo e curto prazo da radiação. O projeto é financiado pela Nuffield Foundation.

MAGNETISMO TERRESTRE

O último levantamento mundial das condições magnéticas da superfície terrestre data de uns trinta anos. Esses levantamentos permitem a organização de mapas necessários aos cientistas navegantes. Para a previsão das variações a longo prazo do magnetismo terrestre é preciso que se disponha de uma série de cartas sucessivas, que possam ser comparadas umas com as outras. Em alguns lugares a força do campo magnético da terra pode variar aparentemente com muita rapidez e o passar dos anos, mas somente pela realização de frequentes levantamentos se pode ter a certeza de que as alterações registradas não derivam de efeitos espúrios decorrentes, por exemplo, da atividade solar. Os países interessados no Ano Geofísico Internacional concordaram em realizar um novo levantamento magnético assim que se apresentem condições satisfatórias. Isto possivelmente acontecerá daqui a cinco anos, quando estarão num mínimo as perturbações solares e em seu máximo de estabilidade as condições magnéticas da terra. Atualmente existem uns 200 observatórios que mantêm registros magnéticos contínuos em terra. O principal problema por ocasião do novo levantamento consistirá em realizar um número suficiente de determinações no mar, utilizando-se para tanto navios não magnéticos.

NAVIOS NÃO MAGNÉTICOS

Já que falamos em navios não magnéticos, é interessante lembrar que a história de tais navios, nos últimos tempos, tem sido algo acidentada. O Carnegie, navio não magnético da Carnegie Institution, explodiu quando se abastecia de óleo em Western Samoa em 1929, morrendo na ocasião o capitão e principal cientista, James P. Ault. Em 1938 o almirante inglês fez encomenda de um navio não magnético, o Research. Mal terminado estava ele quando a guerra foi declarada, ficando nela, foi depois vendido. Um cientista polonês, B. M. Cwlonow, entre 1933 e 1938 levou dois navios numa viagem de exploração magnética pelo mundo. Um desses navios, que ele mesmo ajudara a construir, era o Non-Magnetic III; o outro era uma escuna, Princess Waimai. A União Soviética tem empregado em levantamentos magnéticos o Yarya, que atualmente se acha no Pacífico.

OS OLHOS DO LEÃO MARINHO

MASSIMO di Laurio é o encarregado do jardim zoológico de Cony Island em Nova Iorque, e um dos animais que mais o preocupam é o leão marinho (walrus) de nome Olaf, o único desse tipo em cativeiro no hemisfério ocidental. Em alguns dias muito bem em cativeiro durante os dois últimos anos, mas o tratador começou a aborrecer-se ao notar que os olhos do animal estavam ficando vermelhos, e o animal estava muito inquieto. Olaf não dormia ou de quem estava sofrendo de alguma doença, talvez graves — eis o que imaginou o veterinário que — logo chamou um veterinário que — diga-se de passagem — jamais tivera oportunidade de tratar de semelhante bicho. Em vista disso o veterinário achou que se devia entregar o caso a um oftalmologista, o qual, apesar de nada saber a respeito de olhos de leão marinho, recebeu umas pomadas que a seu ver deveriam atenuar a condição dos olhos. Mas nada se modificou, e toda vez que os olhos do animal eram examinados o que se verificava era que continuavam a ficar vermelhos, encarnecidos como quem os olhos não fossem. Já estavam a ponto de leram que se tratava de um tumor, quando o veterinário lembrou de consultar o Serviço de Pesca e Caça do Alasca. E a respeito das mais tranquilizadoras: não se preocupassem moços amigos com a vermelhidão dos olhos do leão marinho, porque esses olhos são naturalmente vermelhos. Os livros especializados contam isso direitinho quando dizem que os olhos do leão marinho são pequenos, redondos e encarnecidos. Que fazem um livro de zoologia! devem ter pensado os dois especialistas.

Das páginas deste livro...

...surge o vulto esguio de Barny, jovem viúva, inteligente, sensual,

que lança um desafio à

## LEÓN MORIN, Padre

— botina surrada, rosto macilento, jovial, energético, duro, generoso, HOMEM entre os homens, porém, cem por cento instrumento de Deus.

Como seria Você, se vivesse a vida de Léon Morin, Padre?

Dentro do confessionário — que desvenda e separa seu mundo do mundo de Barny...

Dentro da botina. — que envolve e separa seu corpo do corpo de Barny...

Dentro de si mesmo — que descobre e luta contra o apêlo Inconfesso de Barny!

LEIA Léon Morin, Padre — de Beatrix Beck — "Prêmio Goncourt" — um dos mais discutidos e apaixonantes romances franceses de nossos dias!

Crs 120,

Outros livros selecionados que estão a sua disposição no

## PALÁCIO DO LIVRO

Rua da República, 294 ou pelo reembolso postal — C. P. 4827 — São Paulo

HISTÓRIA DO DESCONCERTO — Jorge Fagundes Telles Crs 120, OS MANDARINS — Emma de Beauvoir Crs 250, MARCARE — Antônio Olavo Pereira Crs 100, SARBODORIA DE CONFÚCIO — Sun Yatting Crs 220,

MIMNA VIDA DE MENINA — Helena Marley Crs 120, CEM CRÔNICAS ESCOLHIDAS — Ruben Braga Crs 150,

## A FORÇA DO HABITO

ORLANDO MATOS

O VIAJANTE CASA-SE

O BATERIA CASTIGA O FILHO

O ELETRICISTA GOSTA DE PEIXINHOS

O CHACAREIRO MORRE EM APARTAMENTO